

ESQUERDA, ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE

Michel Goulart da Silva

Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Técnico-administrativo no Instituto Federal Catarinense (IFC).

Quando se olha para as organizações de esquerda, elas mais parecem um amontoado de fragmentos minúsculos e dispersos. Os diversos grupos brotam dos mais variados lugares, em uma dinâmica de rupturas e siglas muitas vezes difícil de acompanhar. Em um primeiro olhar, é praticamente impossível identificar as diferenças que justificam a existência de tantos grupos, afinal, no geral, as posições defendidas por essas organizações são sempre muito parecidas. Além disso, é comum que muitas delas compartilhem o mesmo referencial teórico, sendo, em algumas ocasiões, impossível até mesmo perceber que se trata de diferentes organizações.

Normalmente esses grupos possuem algum grau de parentesco, direto ou indireto, sendo produtos de numerosas rupturas ou, em raros casos, de fusões. Muitos dos dirigentes dessas organizações estiveram juntos em algum momento de sua militância, tendo rompido e dado origem a dois ou mais grupos. Essas rupturas normalmente se dão a partir de alguma divergência tática em uma conjuntura específica, por desavenças pessoais ou, em poucos casos, por divergências teóricas substanciais. Como muitas organizações têm a tendência de dar maior importância às questões conjunturais, a maior parte das rupturas não se dão a partir de um debate teórico e programático realizado de forma cuidadosa.

São possíveis várias hipóteses para explicar essa extrema fragmentação, ainda que o fator determinante tenha relação com a situação política global. Essa hipótese parte da caracterização de que há um profundo refluxo na luta dos trabalhadores, em âmbito



internacional, há cerca de trinta ou quarenta anos. Embora tenham se observado momentos de avanço em algumas lutas ou nas organizações dos trabalhadores, esses são fatos episódicos ou mesmo isolados se observados em uma perspectiva estrutural e de longa duração. Portanto, pode-se afirmar que, no cenário posterior à crise dos países do chamado Leste Europeu, não houve mobilizações de trabalhadores que tenham superado a luta imediata e apontado para formas estratégicas organizativas da classe trabalhadora.

Observa-se, também, que na esquerda um profundo retrocesso teórico, com o abandono da estratégia da revolução socialista e até mesmo do marxismo e sua adaptação política às regras da democracia burguesa. Os casos mais evidentes desse processo são os partidos comunistas e social-democratas, que inclusive chegaram ao governo de importantes países, nas últimas décadas. Contudo, esse recuo teórico e político se aplica não apenas aos comunistas e social-democratas, mas também às organizações que se pretendem revolucionárias, que, sem ter inserção social para disputar governos e parlamentos, são cooptados pela estrutura sindical ou por outros movimentos sociais, adaptando suas ações ao imediatismo corporativo das categorias de trabalhadores onde sua militância está inserida.

Desde o começo da década de 1990, no âmbito da esquerda, o cenário que se mostra é o das principais direções assumindo a gestão do Estado e o dos setores pretensamente revolucionários se limitando à contenção das crises do capital por meio da intervenção nos sindicatos. Em âmbito internacional, a classe trabalhadora está sendo duramente atacada, se limitando a organizar resistências episódicas e fragmentadas. O contexto das últimas décadas abre espaço para uma maior fragmentação das esquerdas, a partir de pequenas cisões dos grupos existentes. Essas crises e rupturas estão diretamente relacionadas ao recuo teórico e político ou mesmo às traições das organizações existentes.

Se, antes do fim dos países do chamado Leste Europeu, a esquerda girava em torno da União Soviética, seja apoiando suas pretensas conquistas ou se posicionando criticamente, havendo, em diferentes países, partidos comunistas e social-democratas para organizar as lutas dos trabalhadores, além de grupos maoistas e trotskistas eventualmente com alguma expressão na vanguarda dos trabalhadores, passou-se a um



cenário em que praticamente todas as organizações, inclusive os grupos menores, passam por alguma ruptura. Embora anteriormente existissem outros grupos minúsculos, sua aparição era limitada e em muitos casos pouco percebida.

Diante da entrada dos partidos reformistas em governos ou de suas guinadas políticas e teóricas, setores que atuavam nessas organizações criaram grupos separados, em alguns casos até mesmo usando a legalidade eleitoral, mas sem inserção na lutas de classe concretas. Essas pequenas organizações normalmente giram em torno de um grupo dirigente principal, que centraliza toda sua elaboração política e controla de forma rígida as suas ações, supostamente garantindo que não haja desvios oportunistas e sectários. Essas organizações, com seu grupo dirigente centralizador, que supostamente encarna o melhor do legado revolucionário, mas que em realidade são profissionais políticos afastado da luta cotidiana dos trabalhadores, obviamente não possuem, em sua esmagadora maioria, qualquer consistência teórica e política.

Os grandes aparatos reformistas e até mesmo os grupos com influência na vanguarda se fortaleceram em um período de crescimento de lutas, tendo talvez como marco simbólico o ano de 1968. Os desdobramentos dessas lutas, que acabam desviadas para a disputa institucional, fizeram com que partidos reformistas chegassem ao governo de seus países, como na Inglaterra e na França, a partir da década de 1970. Na América Latina, tomada por governos ditatoriais, também houve um crescimento das lutas sociais, tendo possivelmente como principal exemplo as greves no Brasil. Esse processo de lutas, em grande medida, foi o responsável pela convergência de setores da esquerda em uma organização de base operária, ainda que controlada por uma burocracia sindical e setores oriundos do stalinismo, o Partido dos Trabalhadores (PT).

No final da década de 1980, com a crise do bloco soviético e o crescimento de um projeto eleitoral de gestão do Estado, o PT passou cada vez mais a buscar espaço no Estado e abandonou até mesmo sua perspectiva genérica de socialismo. Esse processo leva à saída de vários grupos do partido, como a Causa Operária e a Convergência Socialista. Entre outras rupturas, individuais ou em grupo, o processo político mais importante foi o da expulsão dos chamados “parlamentares radicais” do PT, que vieram

a fundar o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), como resposta aos ataques impostos pelo governo Lula aos trabalhadores, a partir de 2003.

Os processos de crescimento das lutas normalmente levam à construção ou ao crescimento de uma direção política onde convergem os interesses da classe. Em grande medida essa organização ganha influência na vanguarda, incorporando em suas fileiras amplos setores dos trabalhadores ou, pelo menos, assumindo uma influência em setores da classe. O exemplo mais claro disso é a convergência da vanguarda e das massas na direção do Partido Bolchevique, no processo político que redundou na Revolução de Outubro, em 1917.

Esse exemplo, bem como outros que poderiam ser citados, mostram que os trabalhadores procuram a direção política mais consciente do processo, seja se colocando sob seu programa, seja fortalecendo organizativamente essa direção. Não se trata aqui de apontar os erros táticos e estratégicos de quaisquer dessas direções, mas de destacar que os setores de massas acabam por se colocar em torno daquelas organizações que apontem para a transformação social. Esse processo também pode levar à construção de sínteses políticas, que normalmente expressam certa pluralidade de estratégias, socialistas ou de outros tipos. Contudo, o mais importante a se destacar passa pelo fato de que essas organizações expressam a consciência de amplos setores da classe trabalhadora, mostrando organizativa e estrategicamente os limites e possibilidades da conjuntura.

Se esses processos permitiram a construção de sínteses estratégicas na luta dos trabalhadores, na medida em que amplos setores da classe se colocaram sob uma direção política, deve-se analisar o que pode acontecer em um cenário em que há uma completa fragmentação da esquerda, com o aparato reformista representando uma alternativa eleitoral e os revolucionários espalhados em dezenas de minúsculas siglas. O que garantiu que em um cenário de ascenso, como o do Brasil no final da década de 1970, algumas organizações construíssem sínteses, foi justamente o fato de reunirem amplamente diversos segmentos da classe trabalhadora. Essas direções foram a expressão do nível de consciência da classe, expressando suas contradições e inclusive suas limitações.



Em meio a à fragmentação das últimas décadas, é óbvio que cada sigla pretensamente revolucionária não possui um efetivo enraizamento na classe. São pequenos grupos que ou possuem militantes espalhados em diversas categorias profissionais ou possuem um relativo peso político em uma única categoria. São grupos pequenos, em sua esmagadora maioria com poucas centenas de membros. Normalmente possuem uma estrutura financeira limitada, financiando-se principalmente a partir da contribuição de seus militantes e apoiadores, tendo uma imprensa com uma pequena inserção entre os trabalhadores. Portanto, cada organização possui uma base social limitada, centrada em alguma categoria específica ou mesmo com uma inserção apenas regional. Expressam, assim, apenas fragmentos de consciência da classe, o que leva a dois desvios principais.

O primeiro, o *impressionismo*, tem relação com o fato de se deixar influenciar pela consciência imediata da categoria que constitui sua principal base social. Com isso, o conjunto das táticas está voltado unicamente para dar resposta aos interesses desses segmentos. Além disso, as respostas que se dão aos problemas da conjuntura visam uma ação imediatista, minimizando a importância de uma estratégia de longo prazo. O segundo desvio, o *parcialismo*, está relacionado ao fato de considerar o nível de consciência da categoria específica como se fosse o todo da classe trabalhadora. Neste caso, a conjuntura não é pensada em seu sentido amplo, mas a partir de um pequeno fragmento. Com isso, se a categoria está em avanço ou refluxo, mobilizada ou inerte, a avaliação geral da conjuntura será dada somente pela percepção desse limitado segmento.

Esses problemas fazem com que os grupos pareçam cultos ou seitas descoladas da realidade mais geral. Como sua visão é parcial da base social onde estão inseridos, interpretam que as posições das outras organizações, que também expressam outros fragmentos de classe, é equivocada. Como cada qual está isolado em se ponto de vista particular, começam a criar teorias e interpretações e a centrar seu combate nos outros grupos.

Pode-se afirmar, dentro do cenário de crise exposto, que todas as organizações que se dizem revolucionárias não passam de grupos que pregam o marxismo para uma



base social ínfima dentro do conjunto da classe. Além disso, nenhuma delas, mesmo aquelas com discursos mais arrogantes, tem o monopólio de uma verdade dos trabalhadores.

Na medida em que se mantenham isolados de um debate programático, tático e estratégico com outras organizações, se limitando a contendas que servem apenas para que cada grupo marque posição e não se abra realmente a um efetivo debate, essas organizações estão fadadas a nunca vir a ter qualquer relevância política para a luta de classes, mantendo-se isoladas ou mesmo vindo a desaparecer. Embora muitos grupos achem que sua vontade subjetiva e seu programa de boas intenções resolverão os problemas da classe trabalhadora, a solução será dada apenas pela luta objetiva do conjunto da classe. Enquanto os trabalhadores não se colocarem numa ampla ofensiva e construírem um instrumento de organização e luta de massas, que abranja os mais amplos setores da classe trabalhadora, estará muito longe de superar sua extrema fragmentação. Sem essa organização, portanto sem um espaço onde se possa discutir e construir sínteses programáticas dentro da mais ampla democracia, continuará a existir um mosaico de posições espalhadas por centenas de grupos minúsculos.